

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.442

Domingo, 5 de Agosto de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

O preso Domingos da Silva viu-se na contingência de declarar a greve da fome para lhe levantarem a incomunicabilidade que, contra a lei, dura há dias sem conta

## Proletários! Lutemos contra a reacção fascista republicana!

ACORREI EM MASSA À

# SESSÃO DE HOJE

promovida pela União dos Sindicatos Operários!

As comissões administrativas dos seguintes organismos: Federação Marítima, Sindicato dos Arsenalistas do Exército, Sindicato Unico Metalúrgico, Sindicato dos Arselistas de Marinha, Sindicato Unico da Construção Civil, dos Manufactores de Calçado, do Mobiliário, dos Tanoeiros, Associação dos Calzeiros e União Têxtil, reforçando como lhes compete nesta hora extrema em que sofrem operários nas masmorras da república convidam os componentes das respectivas associações e o proletariado em geral a comparecer hoje, pelas 16 horas, na sessão pró-libertação de presos que se realiza na sede da U. S. O. e por esta promovida.

Ao povo de Lisboa: compete comparecer nesta sessão para salvaguardar as liberdades ameaçadas — AQUELAS LIBERDADES QUE CUSTARAM O SANGUE DE MUITOS ILUDIDOS QUE FORAM À ROTUNDA E TREPARAM A MONSANTO!

## ABAIXO O FASCISMO REPUBLICANO!

### O nosso verdadeiro espanto...

é que a massa popular ainda não adquirisse aquela alma, aquela vassoura e aquela carroça com que fizesse a limpeza geral e removesse o entulho para o Oceano... das pulverizações revolucionárias...

O país operário assiste, com espanto e indignação, às repugnantes arbitrariedades que os atuais ditadores republicanos estão cometendo. Todavia, se nos basearmos na histórica árvore genealógica desta República de feirantes, chegamos à nítida conclusão de que não há muitos motivos para espantos.

Para livrar a República dos ataques justíssimos que logo após o princípio lhe tinham sido dirigidos, Joaquim de Madureira escreveu esta simbólica frase: «O último vinho é o que embriaga». Compreendemos: os republicanos deram em embriagarem-se com o fastígio do poder, embriagaram-se com os proventos fabulosos das negociações constantes. Barafustaram contra a borracheira mórta, prometendo correr os atordoados da finança, da indústria e da lavoura. Mas ao invadirem, tumultuariamente, a irresponsável e turbulenta taberna nacional, imediatamente foram transtornados pelas capiteiras emanações do álcool vertido sobre o balcão do tráfico. Perturbados as cacholas, perderam o juízo, romperam o equilíbrio; foi-se a compostura e desapareceu o carácter. E todos, em fraternal convívio de estroinas políticas, ergueram os copos das convenientes cristaldades, chocaram-nos, e brindaram à satisfação dos seus estômagos.

Desde aí, o bródio balneário tem estado em permanente chafarrigues republicano.

Quando na venda dos petiscos, cosilhados no fogo da miséria pública, proletária, apenas se sentavam os convívios monárquicos, os partidários do barrete frígido anunciavam ao grande mundo a imprescindibilidade de se fazer uma revolução por seleção de caracteres. Os costumes prostituídos, a bandeira dos homens públicos, os relaxamentos dos incompetentes, a imoralidade dos nulos, a quadrilheira dos fazendeiros oficiais e particulares que, vendendo por grosso e a retalho, a ressequida pele do povo, que é a verdadeira pátria, sacrificada, levava aos lares a intranquilidade, a dor, a morte e o luto — tudo isso oriundo da vassa monarquia devia desaparecer por completo, de forma a que não ficasse o menor vestígio de podridão.

Os Menezes, os Heliodoros, os Botos, os Camachos, os Coimbraes, os Consiglieris, etc., fingiam concordar com as teses anarquistas, defendendo a necessidade do nosso operário desenvolver o sindicalismo de Sorel e cantando o sofrimento popular, para atraindo. Proclamavam-se a necessidade de um mundo perfeitamente novo: Hábitos, moral, sentimento, carácter, princípios, processos, homens, regime — tudo novo.

Mas como os chefes republicanos, a despeito da sua propaganda atraiçante, já se beliscavam, na oposição, na discussão das partilhas da herança e nas primazias de cada qual, o século n.º 5.650, advertiu: «que o povo operário vá abrindo os olhos e reflita no que seria amanhã uma república em Portugal com um governo de homens rancorosos e vingativos como os doutores do Grupo de Estudos Sociais, membros do directorio da Unha Negra...». E acrescentou no seu número 5.714: «Uma república com tais jacobinos seria pior do que o que aí está, que é bem mau».

Nesse referido grupo estava, além de Francisco Xavier Esteves, o homem que mais tarde afirmou que o operário podia viver principescamente com \$32 por dia, e Afonso Costa, o que pretendia, após a proclamação da república, rachar os sindicalistas e os anarquistas — o falecido poeta Guerra Junqueiro, que se fez republicano por dentro da monarquia não haver uma alma, uma vassoura e uma carroça capazes de fazerem uma limpeza geral, enviando o milionário, como representante vitalício

do Limoeiro, para a África; enviando o ex-ministro que compra quintas, vendendo a vergonha, para a prisão. «Todas as montureiras gangrenadas — poios de escândalos, obscenamente fermentando ao ar livre — deviam ser queimadas a cálcio, purificadas a vitriolo... Contudo, ninguém jamais pensou em fazer a vassoura e construir a carroça. E como assim foi notado, os monárquicos, desdenhosos, mas com esperanças radicadas numa amável transigência e reconciliação, iam dizendo que os varedores vermelhos exteriormente, mas não no íntimo azuis e brancos, só tinham palavras artisticamente buriladas, e incapazes de descer ao fundo dos problemas políticos e sociais, simplesmente faziam uma campanha emocional, excitando o povo ingenuo, mas deixando-o na sombra da sua velha ignorância. A república, como era de justiça, nunca seria uma república socialista, dando satisfação às legítimas aspirações dessa imensa multidão de trabalhadores.

«Porquê? Porque os monárquicos com aparência de liberais, já pensavam em aparecer despoitados com a casa brigantina, por não ser para eles umas mãos largas como desejavam, em colaborar na revolução para depois conquistarem os melhores postos; outros, os que ainda descreiam no advento rápido da república, em efectuar o estalido escandaloso previsto por Bazilio Teles.

Em vão aquele publicista apontou o perigo; em vão proclamou que, a aceitar-se a colaboração de individualidades afectas ao antigo regime, «quem no dia imediato ao da vitória, disporia do poder a seu talante» não seriam os republicanos sinceros, partidários nítidos da radicalização social, não seriam os republicanos, mas os coalisados, com mais ou menos disfarce, com mais ou menos decisão, mas, no fim de contas, disporiam — resultando que «todos os republicanos sinceros ou se retirariam desmoralizados, ou iriam engrossar a falange da esquerda para a lançar sobre os aventureiros, foragidos do regime».

Ora a colaboração deu-se. Quase a totalidade dos republicanos o que estava a fazer era pela conquista do poder, era pelo governo, era por varrerem a cambada parasitária, usuradora, venal, debochada, desavergonhada, mas por varrer os direitos dos coíres públicos, do povo, de milhares de famílias, de milhões de criaturas, que continuam a não ter o pão do espírito nem do corpo... São assim todos os partidários do poder.

Para isso, aceitaram toda a corneição monárquica dos descontentes mas reacção; para isso, conspiraram historicamente e adesivos; para isso constituíram-se canteiros, chagas, barracas e vendas; para isso, encheram-se, atafalharam-se de punhais, de espingardas, pistolas e bombas, estêriles, cilíndricas ou em forma de pinha, que explodiram em diversas oportunidades. Aí, custa deste arsenal mortífero, cuja apologetica francesa foi feita no parlamento, no comício e nos jornais partidários, surgiu a república. Depois, no decorrer das revoltas entre os gamelinos insatisfeitos e invejosos, juntou-se aos republicanos adesivos, senhores do poder, o restante reboalhito monárquico, conservador...

Logo está, há muito, proclamada a monarquia, de facto, se não de direito; logo, prendendo os governantes dezenas de operários militantes das ideias mais nobres, não tem outro fim senão absorverem-se dos seus crimes bombásticos do passado, se não mesmo do presente. Eles conhecem-se às mil maravilhas, e julgam ver em todos sem excepção narcizada a sua própria imagem de dinamitistas revolucionários de ontem. Os ladrões supõem que todos os outros são ladrões; os bandidos supõem

### NOTAS & COMENTÁRIOS

#### O bom exemplo

Ontem, no parlamento, envolveram-se em desordem os deputados Caneira de Abreu e Paiva Gomes. A essa desordem, ocorrida em plena sessão parlamentar, chamam os jornais, segundo o uso, púdicamente, hipocritamente, acena de pugilato. Ora sendo os parlamentares, os indivíduos eleitos para elaborar e votar as leis que governam os homens, não deixa de ser altamente educativo o exemplo dado pelos referidos deputados esmurçando-se com furor.

Ali no governo civil funciona o odioso tribunal dos Pequenos Delitos, que condena a multas de 150 escudos os que são presos por coisas fúteis, ou se assim o querem, por serem protagonistas de cenas de pugilato. Aos deputados nada lhes aconteceu; não foram presos, nem multados. Mas, os que lhes imitaram o exemplo sofrem as penalidades. Contudo, são os deputados quem incita poderosamente a recorrerem a processos violentos, aqueles que depois passam a ser vítimas da policia em geral e do sr. Paulo. Menagem em particular ao sr. Caneira de Abreu.

#### Uma carta

Do sr. Manuel dos Santos Pimenta recebemos uma carta negando os actos que o nosso prezado colaborador Anibal de Vasconcelos lhe atribuiu em um dos seus últimos artigos. Aquele camarada vamos enviar a referida carta para o melhor do que nós que desconhecíamos a questão nos seus mínimos pormenores — esclareça o que nesta questão haja realmente a esclarecer.

#### Três... e nada

A imprensa republicana abriu uma campanha de descrédito aos três candidatos à presidência da república. Cada jornal do regime para defender o seu candidato predilecto, deprime os dois restantes. Daí podemos concluir que os Teixeira Gomes, Duarte Leite e Bernardino são três candidatos infelizes e nefastos. Há três candidatos e nada... que mereça as suas candidaturas.

Clemente Vieira dos SANTOS

Lê na 2.ª página:

A questão internacional

## BANDIDOS! BANDIDOS!

Outro nome não se pode dar a quem com tanta falta de humanidade persegue acintosamente o povo trabalhador

S. Julião da Barra, a moderna Bastilha republicana, guarda abundantemente as vítimas de António Maria da Silva. Essas vítimas, são operários, os operários que parecem não ter, contra o espírito das leis, direito a gozar da liberdade — da mesma liberdade que gozam os assambradores, os mongeiros e toda essa nuvem negra de novos ricos que conduzem a população ao desespero e à ruína. Esses operários permanecem na fortaleza, privados da liberdade, sem culpa formada. E, essas prisões mantêm-se, sem que o governo apresente do extranho o revoltante caso, a melhor explicação.

Domingos da Silva, encontra-se no hospital de Arroios, do sentimento à vista, caso excepcional já, com justificada razão flagelados. Acontece porém, que não o deixam falar com nenhuma pessoa. Sua própria mulher ainda não conseguiu avistar-se com ele. Isto quer dizer que apesar de se encontrar no hospital, apesar de todo o tempo decorrido ainda se encontra no regime da mais severa incomunicabilidade.

O rancor das autoridades encarnica-se obstinadamente sobre ele. Contra o que a lei determina, contra os mais nobres e insofismáveis princípios humanos, ainda o mantêm incomunicável, não permitindo-se que que de converso com a sua própria mulher.

E, é natural, compreender-se a ansiedade com que está este do a lhe falar, depois do a saber perigosamente enfermo.

Giovanni Michaeli ainda se encontra preso, apesar do sobre ele não incidir concretamente nenhuma acusação. Ontem esteve prestes a ser posto em liberdade. E, se o não foi deve-se ao sr. Berto Ferreira, esse esquisto livre pensador que não admitiu que outros pensem de maneira diferente, a esse admirável socialista, filiado no partido socialista, que tem um inafável prazer em socializar a liberdade dos operários.

O sr. Berto Ferreira, já tinha nalguns casos comprovado a sua suprema habilidade de complicar com formalidades burocráticas a soltura dalguns presos só com o

felino prazer de retardar a sua liberdade.

Neste caso de Giovanni Michaeli, o sr. Berto Ferreira tem feito as maiores diligências para evitar, a todo o transe, que ele seja, como é de inteira justiça restituído à liberdade.

Veremos quantos dias a vontade do sr. Berto Ferreira conseguirá manter, entre ferros, o honestissimo operário que é Giovanni Michaeli.

### GREVE DA FOME

Informam-nos que o preso Domingos da Silva que já deu entrada no hospital de S. José, onde — contra todas as leis o conservam incomunicável e de sentença — à vista — declarou a greve da fome.

Eis ao que conduziu a série de arbitrariedades cometidas vilmente contra este preso.

E' preciso, pelo protesto veemente, levar as autoridades a levantar o mais depressa possível uma inco-

municabilidade cruel, para que aquele preso não pereça vitimado pelo ódio da república.

### Federação dos Trabalhadores Rurais

Aos sindicatos federados

Em face das perseguições que as autoridades estão cometendo contra o operariado de Lisboa, a soldo da Patronal e reacção de todos os matizes, este organismo convida todos os sindicatos a fazerem sessões de protesto a fim de aglutinarem a luta para qualquer movimento nacional que venha a ser posto em prática a fim de alcançar a liberdade dos presos pois que já é tempo de se acabar com a farça que o governo está cometendo. Este organismo espera que todos os sindicatos cumram o seu dever.

### Sindicato Mobiliário do Porto

Reúniu a C. A. deste Sindicato que entre outros assuntos resolveu protestar veementemente contra as perseguições feitas aos operários conscientes da capital.

Para a classe ser elucidada sobre tão grave assunto e pô-la de sobre-aviso para secundar qualquer movimento que a G. T. ou U. S. O. do Porto levem a efeito, são convidados todos os operários mobiliários a reunirem em assembleia geral no próximo dia 8, pelas 18

### Centro Comunista de Lisboa

Reúniu a comissão pró-presos que constatou ter apurado 285\$45, resolvendo entregar a Domingos da Silva, que se encontra no hospital de Arroios, a

desse corja, capaz de todos os crimes, de todas as vilanias, ainda as mais repugnantes — António Filipe Torquato, ex-democrático, expoz, ali, na Brasileira do Rossio, diante de quem quis ouvir, o seguinte: «A luta entre unionistas e democráticos estava, então, no seu período mais agudo. A Luta e Mando, na imprensa, Afonso e Brito no parlamento; feriam lume. A carbonária, de que era chefe António Maria da Silva, resolveu eliminar Brito Camacho, Luis Soares, o conhecido esport, verdadeiro grilheta democrático, que conseguiu a sua nomeação para o ministério do Trabalho, apontando uma pistola à cabeça do ministro — caso que foi largamente debatido no Parlamento, — proferiu António Filipe Torquato, e secreteiramente, disse-lhe: «é preciso liquidar Brito Camacho. Luis Soares é larmacuetico: exerceu funções no Hospital do Rego, onde só já, por acaso, e onde cometeu fraudes de todo o tamanho, a que a imprensa largamente se referiu. — Deu a Torquato uma seringa apropriada, instrumento sinistro, que aquele ainda tem em seu poder. — Esta seringa continua desde então.

Tem uma pequena argola para adaptar a um dedo, e uma ponta de platina acurada, tal que o ferido não sentiria a picada. Para a execução, Torquato passaria junto a Brito Camacho, e injecta-lo-ia. António Filipe Torquato acietou a seringa, e, na posse dela, disse: «Não! Eu não sou assassino! Isto é um crime!».

A propósito desta negra cabala, surge o caso do desaparecimento de Leite do Rego, sobre cuja morte se rosnaram coisas extraordinárias. Ele era, na realidade, o único deputado que estava incomodado com conhecimento de causa e actividade a acção da África do Sul. Médicos ilustres tem afirmado que os sintomas da congestão se apresentavam sob um aspecto muito diferente... Chegou, mesmo, a falar-se em utópico. Tudo é possível.

Que autoridade, pois, tem estes criminosos para encerrar nas prisões, centenas de trabalhadores, inocentes, cujo crime é lutarem por uma sociedade melhor?

Avistaram-me, ontem, de que o Pinheiro, chefe da policia da Quadrilha Patronal, incapaz de defender-se, com argumentos, das acusações que lhe fez, fôr denunciado a policia, fazendo-me a acusação caluniosa e infame, de que fôr eu quem o apontara para o matar. Oh! como isto é miserandol! Como isto é abominável! De que extraordinário poder dispõe este repugnantissimo pulho, este desprezível canibal! Efectivamente, recebi hoje a contra-fé, mandando-me apresentar na Preventiva. Pergunta-se: haverá lá daquelas seringas que fazem calar a gente? Haverá, lá, daquele ácido com que pretendiam injectar o Brito Camacho? Cruzes, carnhoto! Eu não vou lá! Só se fôr de machado!

### Anibal de VASCONCELOS

horas, para se resolver qual o caminho a seguir em face de tão provocante perseguição.

### A situação dos presos

Encontram-se no governo civil os seguintes presos:

Calabouço n.º 5: José Lopes e Joaquim Augusto Betencourt. Atalide; calabouço n.º 7: Júlio de Matos, Sebastião Graça, Lúcio Marques e José Jorge.

Para a esquadra do Bairro Alto foi incomunicável Raúl Honório.

### Centro Comunista de Lisboa

Reúniu a comissão pró-presos que constatou ter apurado 285\$45, resolvendo entregar a Domingos da Silva, que se encontra no hospital de Arroios, a







SECCÃO NATURISTA

# Consequências do álcool

Um caso gravíssimo que a dieta vegetariana consegue curar por completo

Em 1905 efectuou-se um casamento entre dois jovens pertencentes a duas famílias muito distintas. O noivo encontrava-se muito doente e a noiva, apesar de muito jovem, era uma pessoa muito séria e de carácter muito firme.

A noiva era um ser muito extraordinário. Principiando por declarar ao marido que tinha horror à maternidade, considerando com um temor delirante a possibilidade de ser mãe, ela concluiu por abandonar o leito conjugal em circunstâncias de alto o marido com repulsa.

O marido, por sua vez, surpreendido com tal decisão, interpretava o caso como um natural pudor de sua esposa e com delicadeza e carinho falava sobre a união que era preciso respeitar. Causou-se de rogo e exortações e sempre a mesma repulsa da esposa. Esta de forma alguma se decidia a cumprir com o marido a união em condições normais, como era lícito.

Um dia em fim terminante declarou ao marido que se mataria se voltasse a falar-lhe nos tais deveres de esposa.

O marido, vendo-se incapaz de criar uma situação íntima com sua esposa, interrogou-a sobre o que ela queria. Tinha casado de muito tempo, por amor, segundo ela declarava chorando, e agora encontrava-se estupefacto ante a impetuosa ira dela sempre que lhe dirigia os seus afectos.

Querida consultar um médico, depois outro e mais outro e muitos outros, todos os remédios e a terapia para minorar os seus sofrimentos. Mas, que sofrimentos, nem mesmo os médicos sabiam! Ela dava indicações de sofrer isto ou aquilo, porém não havia diagnóstico, que revelasse a doença.

Tendo sido consultados quasi uma centena de médicos e consumido uma soma considerável de dinheiro em remédios, cujos frascos, caixas e receitas a paciente colecionava com cuidado, o marido vendo-se quasi reduzido a vender alguns bens para prosseguir na defesa da saúde de sua esposa cada vez mais intratável e mais desastrosa, decidiu-se a resolver o caso por uma solução legal: o divórcio.

Requerendo-o, fundamentando as razões e fazendo acompanhar a petição da acção de divórcio de um extenso relatório que continha as declarações de todos os médicos que observaram a esposa, algumas delas muito expressivas e reveladoras de um estudo psicológico do delírio esquizofrênico da doente.

## Universidades, Academias e Escolas

**Academia de Ciências de Portugal** — Retirou a mesa desta colectividade científica, a fim de apreciar a desistência do pedido de renúncia ao título do vogal da Academia, apresentado pelo seu 1.º secretário perpétuo, dr. António Cabreira, em virtude de divergências de opinião suscitadas entre o mesmo académico e a comissão executiva na orientação dos respectivos trabalhos.

A mesa congratulou-se pela nova decisão do dr. sr. António Cabreira, resolvendo considerar nulo e de nenhum efeito o referido pedido, bem como a comissão nomeada para se entender com o dr. sr. António Cabreira sobre o assunto.

## SOCIEDADES DE RECREIO

**Concentração Musical 24 de Agosto** — Realiza-se hoje um concerto musical às 16 horas e baile às 21 horas.

**Grupo Dramático "Os Combatentes"** — Iniciam-se hoje as festas do aniversário havendo quermesse e feira franca, às 16 horas, e baile até às 2 horas da madrugada.

## Hospitais Cíveis de Lisboa

O corpo clínico hospitalar foi convocado a reunir em assembleia eleitoral na próxima quarta-feira, 8, pelas 22 horas, na sede da Direcção Geral, no hospital de S. José, a fim de proceder à eleição do director geral.

## TIPOGRAFIA

Vende-se tipo e mais material tipográfico. Trata-se na rua Fernandes da Fonseca, 25, 5.º, dir.

N.º 4

8 DE AGOSTO DE 1923

LEAO TOLSTOI

FOLHETIM DE "A BATALHA"

# Maldito dinheiro

Durante o tempo que o marido levou a vestir-se, Akoulina não ergueu os olhos para ele. O rosto de Polikay empalideceu; os olhos tinham aquela expressão de um tempo desolado e resignado, peculiar aos seres bons, fracos e culpados.

Depois de se ter penteado, a mulher arranjou-lhe a camisa e pôs-lhe o boné.

— Olá! Polikay! Tchau, foi a barba que te mandei cortar, não é? perguntou a mulher do carpinteiro, no compartimento vizinho.

Ainda nessa manhã tinham as duas mulheres questionado por causa de uma grama de água de Javelle, que os filhos de Polikay tinham entornado, e agora era-lhe agradável saber que Polikay fora chamado à presença da barba. Não devia ser por coisa boa. Era, além disso, uma mulher atre-

# "A BATALHA" - na provincia - e nos arredores

VILA NOVA DE GAIA 3 DE AGOSTO Zeferino Soares

Há mais de um ano que se encontra gravemente doente este bom e lídico camarada, alma e coração do Sindicato Profissional das Indústrias Têxteis de Gaia.

O trabalho, o muito excesso de trabalho, foi a causa da perturbação de que o retirou do convívio dos seus camaradas, que não se esqueceram da sua situação; principalmente Humberto dos Santos Oliveira que foi incumbido da última rifa, que ele próprio organizou. Fizemos votos pelas melhoras do camarada Zeferino.

**O inquilinato**

Realizou um comício público na sede da União Ferroviária (Deveses), na passada semana, a Fraternal dos Inquilinos. Usaram da palavra vários oradores, verberando o procedimento da autoridade local e a acção nefasta dos senhorios contra os inquilinos.

Muito tinhamos que dizer com respeito à ganância de certos lobos esfaumados que atacam aos pobres caseiros com as suas garras, mas...

Ainda há pouco, um camarada que foi para a Africa, deixou devoluta a casa onde residia, pagando 10500 por mês.

Outro camarada, que sabia que a casa ficava vazia, ainda antes do inquilino sair, foi falar com o senhorio para ver se conseguia pelo mesmo preço, ou com um pequeno aumento a casa.

Dá-se a casa vazia; após isso, aparece logo outro alugador oferecendo 30500; a seguir outro, oferecendo 40500 e ainda outro, levando-a a 50500!!!

E ainda não está aliada, à espera de quem mais lance, e quem mais dê...

Vê-se por este e por outros casos semelhantes, que são inúmeros, que os inquilinos têm um quinhão de responsabilidades.

Aqui é onde está o tal mas... — C.

**BELAS 4 DE AGOSTO**

**Homem morto num pinhal**

Quando ontem, pelas 11 horas, uma mulher andava a apanhar lenha no pinhal do sr. Frederico Norton nas Aguias Livres, viu um homem pendurado pelo pescoço num pinheiro.

Correu a avisar o cabo-chefe que veio em seguida com cabos, seguindo mais tarde o juiz de paz de Belas. O homem apresenta ter uns 40 e tal anos, não mal vestido. Presume-se que esteja há perto de 10 dias pendurado no pinheiro pelo estado de decomposição em que se encontra. — C.

**PIAS 3 DE AGOSTO**

**A G. N. R. ao lado dum miserável**

Um indivíduo que há tempo perseguiu uma rapariga desta localidade, tentou praticar uma acção repugnante que felizmente se frustrou. Foi o caso, deste ter entrado dentro da casa da rapariga e ocultando-se debaixo da cama para depois a colher de surpresa.

Porém, um irmão da rapariga interveio e a cidade frustrou-se. Ao ser despedido, o miserável, tomado duma súbita coragem, fugiu. Houve grande alvoroço e acudiu muita gente, que começou protestando contra o tal indivíduo, que da pélo "sobriquet" de "Japão".

O cabo da guarda republicana do posto aqui aquartelado, e que é amigo desse indivíduo, mandou guardá-lo na sua residência, onde ele se tinha refugiado, por dois dias, a fim da família da rapariga não tomar um desforço da sua indignação.

A princípio, o povo supoz que o "Japão" estava preso. Mas, essa ideia em breve se dissipou, pois que foi o próprio cabo da guarda quem lhe deu fuga.

Aqui tem os leitores as boas acções que o cabo da G. N. R. pratica: assegurar a impunidade daqueles que, por meio de ardis traiçoeiros pretendem violar a rapariga.

**BEJA 3 DE AGOSTO**

**Os espancamentos na Guarda Republicana**

Deserto os leitores devem estar recordados do motivo que há dias publicamos sobre a agressão feita de que um pobre rural tinha sido vítima no quartel da Guarda Republicana. Informamos do sucedido, pelo nosso jornal, o comandante da guarda, capitão sr. Saravia, imediatamente convidou a pobre vítima a ir junto de si.

Depois de presenciar com os seus

car, Acendeu tranquilamente o cachimbo e, depois de cuspir, disse:

— A barba chamou-me para ir buscar dinheiro a casa do encarregado das vendas.

— Para ir buscar dinheiro? — perguntou Akoulina.

Polikay fez com a cabeça um gesto afirmativo.

— Como ela fala bem! — Tu, dizia a barba, eras tão na conta de um homem pouco escrupuloso, e agora depositas mais confiança em ti do que em qualquer outro. (Polikay exprimia-se alto para ser ouvido do outro lado do tabique...) Juras-te corrigir-te; pois bem, vou pôr à prova essa tua confiança que sobste inspirar-me. Dirige-te a casa do encarregado das vendas, recebe o dinheiro que te der e traze-mo.

E eu respondi-lhe:

— Não, senhora, sómos todos seus escravos; devíamos servi-la como a Deus. Disponha de mim para tudo. Não recusarei nenhum encargo que queira impor-me. Farei tudo o que me mandares, porque sou seu escravo.

Polikay sorria novamente, com aquele sorriso característico de um homem fraco, bom e culpado.

— Então — disse a barba — vai, cumpre a tua missão. Sabes que depende dela a tua sorte?

— Como não hei de saber? — respondeu. Se lhe disserem mal de mim, é porque ninguém pode livrar-se da culpa; nunca foi minha intenção ferir os seus interesses. Então, expresso-me, tam-

que me dá a minha barba, pôs-se doce como mel.

— Tu — acrescentou — serás o meu servo predilecto.

Depois de um curto silêncio o mesmo sorriso de orgulho pairou no rosto de Polikay.

— Se o gesto preciso para lhe falar no tempo em que pagava ainda o dinheiro, surgiu às vezes uma alacração entre mim e o receptor. Bastava eu dirigir-me a ela e dizer-lhe duas coisas para o homem abaixar a cabeça.

— E é muito dinheiro? — perguntou de repente Akoulina.

— Quinhentos rublos — respondeu Polikay, com um certo desprendimento. — Quando partes?

— Manteram-me sair amanhã. A barba disse-me: "Escolhe o cavalo que quizeres. Passa primeiro pelo escritório e vai em paz."

— Louvado seja Deus! — exclamou Akoulina erguendo-se e fazendo o sinal da cruz. Deus te auxilie, Polikay! acrescentou em voz baixa para que os vizinhos a não ouvissem e, agarrando o pélo mangá da camisa... — Ouve-me, Polikay, por Nosso Senhor Jesus te peço, quando fores buscar o dinheiro, jura-me, beijando a cruz, que não beberás uma gota sequer.

Polikay sorria novamente, com aquele sorriso característico de um homem fraco, bom e culpado.

— Então — disse a barba — vai, cumpre a tua missão. Sabes que depende dela a tua sorte?

— Como não hei de saber? — respondeu. Se lhe disserem mal de mim, é porque ninguém pode livrar-se da culpa; nunca foi minha intenção ferir os seus interesses. Então, expresso-me, tam-

que me dá a minha barba, pôs-se doce como mel.

— Tu — acrescentou — serás o meu servo predilecto.

Depois de um curto silêncio o mesmo sorriso de orgulho pairou no rosto de Polikay.

— Se o gesto preciso para lhe falar no tempo em que pagava ainda o dinheiro, surgiu às vezes uma alacração entre mim e o receptor. Bastava eu dirigir-me a ela e dizer-lhe duas coisas para o homem abaixar a cabeça.

— E é muito dinheiro? — perguntou de repente Akoulina.

— Quinhentos rublos — respondeu Polikay, com um certo desprendimento. — Quando partes?

— Manteram-me sair amanhã. A barba disse-me: "Escolhe o cavalo que quizeres. Passa primeiro pelo escritório e vai em paz."

— Louvado seja Deus! — exclamou Akoulina erguendo-se e fazendo o sinal da cruz. Deus te auxilie, Polikay! acrescentou em voz baixa para que os vizinhos a não ouvissem e, agarrando o pélo mangá da camisa... — Ouve-me, Polikay, por Nosso Senhor Jesus te peço, quando fores buscar o dinheiro, jura-me, beijando a cruz, que não beberás uma gota sequer.

Polikay sorria novamente, com aquele sorriso característico de um homem fraco, bom e culpado.

— Então — disse a barba — vai, cumpre a tua missão. Sabes que depende dela a tua sorte?

— Como não hei de saber? — respondeu. Se lhe disserem mal de mim, é porque ninguém pode livrar-se da culpa; nunca foi minha intenção ferir os seus interesses. Então, expresso-me, tam-

que me dá a minha barba, pôs-se doce como mel.

— Tu — acrescentou — serás o meu servo predilecto.

Depois de um curto silêncio o mesmo sorriso de orgulho pairou no rosto de Polikay.

— Se o gesto preciso para lhe falar no tempo em que pagava ainda o dinheiro, surgiu às vezes uma alacração entre mim e o receptor. Bastava eu dirigir-me a ela e dizer-lhe duas coisas para o homem abaixar a cabeça.

— E é muito dinheiro? — perguntou de repente Akoulina.

— Quinhentos rublos — respondeu Polikay, com um certo desprendimento. — Quando partes?

— Manteram-me sair amanhã. A barba disse-me: "Escolhe o cavalo que quizeres. Passa primeiro pelo escritório e vai em paz."

— Louvado seja Deus! — exclamou Akoulina erguendo-se e fazendo o sinal da cruz. Deus te auxilie, Polikay! acrescentou em voz baixa para que os vizinhos a não ouvissem e, agarrando o pélo mangá da camisa... — Ouve-me, Polikay, por Nosso Senhor Jesus te peço, quando fores buscar o dinheiro, jura-me, beijando a cruz, que não beberás uma gota sequer.

Polikay sorria novamente, com aquele sorriso característico de um homem fraco, bom e culpado.

— Então — disse a barba — vai, cumpre a tua missão. Sabes que depende dela a tua sorte?

— Como não hei de saber? — respondeu. Se lhe disserem mal de mim, é porque ninguém pode livrar-se da culpa; nunca foi minha intenção ferir os seus interesses. Então, expresso-me, tam-

que me dá a minha barba, pôs-se doce como mel.

— Tu — acrescentou — serás o meu servo predilecto.

Depois de um curto silêncio o mesmo sorriso de orgulho pairou no rosto de Polikay.

— Se o gesto preciso para lhe falar no tempo em que pagava ainda o dinheiro, surgiu às vezes uma alacração entre mim e o receptor. Bastava eu dirigir-me a ela e dizer-lhe duas coisas para o homem abaixar a cabeça.

— E é muito dinheiro? — perguntou de repente Akoulina.

— Quinhentos rublos — respondeu Polikay, com um certo desprendimento. — Quando partes?

— Manteram-me sair amanhã. A barba disse-me: "Escolhe o cavalo que quizeres. Passa primeiro pelo escritório e vai em paz."

— Louvado seja Deus! — exclamou Akoulina erguendo-se e fazendo o sinal da cruz. Deus te auxilie, Polikay! acrescentou em voz baixa para que os vizinhos a não ouvissem e, agarrando o pélo mangá da camisa... — Ouve-me, Polikay, por Nosso Senhor Jesus te peço, quando fores buscar o dinheiro, jura-me, beijando a cruz, que não beberás uma gota sequer.

Polikay sorria novamente, com aquele sorriso característico de um homem fraco, bom e culpado.

— Então — disse a barba — vai, cumpre a tua missão. Sabes que depende dela a tua sorte?

— Como não hei de saber? — respondeu. Se lhe disserem mal de mim, é porque ninguém pode livrar-se da culpa; nunca foi minha intenção ferir os seus interesses. Então, expresso-me, tam-

que me dá a minha barba, pôs-se doce como mel.

— Tu — acrescentou — serás o meu servo predilecto.

Depois de um curto silêncio o mesmo sorriso de orgulho pairou no rosto de Polikay.

— Se o gesto preciso para lhe falar no tempo em que pagava ainda o dinheiro, surgiu às vezes uma alacração entre mim e o receptor. Bastava eu dirigir-me a ela e dizer-lhe duas coisas para o homem abaixar a cabeça.

— E é muito dinheiro? — perguntou de repente Akoulina.

— Quinhentos rublos — respondeu Polikay, com um certo desprendimento. — Quando partes?

— Manteram-me sair amanhã. A barba disse-me: "Escolhe o cavalo que quizeres. Passa primeiro pelo escritório e vai em paz."

— Louvado seja Deus! — exclamou Akoulina erguendo-se e fazendo o sinal da cruz. Deus te auxilie, Polikay! acrescentou em voz baixa para que os vizinhos a não ouvissem e, agarrando o pélo mangá da camisa... — Ouve-me, Polikay, por Nosso Senhor Jesus te peço, quando fores buscar o dinheiro, jura-me, beijando a cruz, que não beberás uma gota sequer.

Polikay sorria novamente, com aquele sorriso característico de um homem fraco, bom e culpado.

— Então — disse a barba — vai, cumpre a tua missão. Sabes que depende dela a tua sorte?

— Como não hei de saber? — respondeu. Se lhe disserem mal de mim, é porque ninguém pode livrar-se da culpa; nunca foi minha intenção ferir os seus interesses. Então, expresso-me, tam-

que me dá a minha barba, pôs-se doce como mel.

— Tu — acrescentou — serás o meu servo predilecto.

Depois de um curto silêncio o mesmo sorriso de orgulho pairou no rosto de Polikay.

— Se o gesto preciso para lhe falar no tempo em que pagava ainda o dinheiro, surgiu às vezes uma alacração entre mim e o receptor. Bastava eu dirigir-me a ela e dizer-lhe duas coisas para o homem abaixar a cabeça.

— E é muito dinheiro? — perguntou de repente Akoulina.

— Quinhentos rublos — respondeu Polikay, com um certo desprendimento. — Quando partes?

— Manteram-me sair amanhã. A barba disse-me: "Escolhe o cavalo que quizeres. Passa primeiro pelo escritório e vai em paz."

— Louvado seja Deus! — exclamou Akoulina erguendo-se e fazendo o sinal da cruz. Deus te auxilie, Polikay! acrescentou em voz baixa para que os vizinhos a não ouvissem e, agarrando o pélo mangá da camisa... — Ouve-me, Polikay, por Nosso Senhor Jesus te peço, quando fores buscar o dinheiro, jura-me, beijando a cruz, que não beberás uma gota sequer.

Polikay sorria novamente, com aquele sorriso característico de um homem fraco, bom e culpado.

— Então — disse a barba — vai, cumpre a tua missão. Sabes que depende dela a tua sorte?

— Como não hei de saber? — respondeu. Se lhe disserem mal de mim, é porque ninguém pode livrar-se da culpa; nunca foi minha intenção ferir os seus interesses. Então, expresso-me, tam-

que me dá a minha barba, pôs-se doce como mel.

— Tu — acrescentou — serás o meu servo predilecto.

Depois de um curto silêncio o mesmo sorriso de orgulho pairou no rosto de Polikay.

— Se o gesto preciso para lhe falar no tempo em que pagava ainda o dinheiro, surgiu às vezes uma alacração entre mim e o receptor. Bastava eu dirigir-me a ela e dizer-lhe duas coisas para o homem abaixar a cabeça.

— E é muito dinheiro? — perguntou de repente Akoulina.

— Quinhentos rublos — respondeu Polikay, com um certo desprendimento. — Quando partes?

— Manteram-me sair amanhã. A barba disse-me: "Escolhe o cavalo que quizeres. Passa primeiro pelo escritório e vai em paz."

— Louvado seja Deus! — exclamou Akoulina erguendo-se e fazendo o sinal da cruz. Deus te auxilie, Polikay! acrescentou em voz baixa para que os vizinhos a não ouvissem e, agarrando o pélo mangá da camisa... — Ouve-me, Polikay, por Nosso Senhor Jesus te peço, quando fores buscar o dinheiro, jura-me, beijando a cruz, que não beberás uma gota sequer.

Polikay sorria novamente, com aquele sorriso característico de um homem fraco, bom e culpado.

— Então — disse a barba — vai, cumpre a tua missão. Sabes que depende dela a tua sorte?

— Como não hei de saber? — respondeu. Se lhe disserem mal de mim, é porque ninguém pode livrar-se da culpa; nunca foi minha intenção ferir os seus interesses. Então, expresso-me, tam-

que me dá a minha barba, pôs-se doce como mel.

— Tu — acrescentou — serás o meu servo predilecto.

Depois de um curto silêncio o mesmo sorriso de orgulho pairou no rosto de Polikay.

— Se o gesto preciso para lhe falar no tempo em que pagava ainda o dinheiro, surgiu às vezes uma alacração entre mim e o receptor. Bastava eu dirigir-me a ela e dizer-lhe duas coisas para o homem abaixar a cabeça.

— E é muito dinheiro? — perguntou de repente Akoulina.

— Quinhentos rublos — respondeu Polikay, com um certo desprendimento. — Quando partes?

— Manteram-me sair amanhã. A barba disse-me: "Escolhe o cavalo que quizeres. Passa primeiro pelo escritório e vai em paz."

— Louvado seja Deus! — exclamou Akoulina erguendo-se e fazendo o sinal da cruz. Deus te auxilie, Polikay! acrescentou em voz baixa para que os vizinhos a não ouvissem e, agarrando o pélo mangá da camisa... — Ouve-me, Polikay, por Nosso Senhor Jesus te peço, quando fores buscar o dinheiro, jura-me, beijando a cruz, que não beberás uma gota sequer.

Polikay sorria novamente, com aquele sorriso característico de um homem fraco, bom e culpado.

— Então — disse a barba — vai, cumpre a tua missão. Sabes que depende dela a tua sorte?

— Como não hei de saber? — respondeu. Se lhe disserem mal de mim, é porque ninguém pode livrar-se da culpa; nunca foi minha intenção ferir os seus interesses. Então, expresso-me, tam-

que me dá a minha barba, pôs-se doce como mel.

— Tu — acrescentou — serás o meu servo predilecto.

Depois de um curto silêncio o mesmo sorriso de orgulho pairou no rosto de Polikay.

— Se o gesto preciso para lhe falar no tempo em que pagava ainda o dinheiro, surgiu às vezes uma alacração entre mim e o receptor. Bastava eu dirigir-me a ela e dizer-lhe duas coisas para o homem abaixar a cabeça.

— E é muito dinheiro? — perguntou de repente Akoulina.

— Quinhentos rublos — respondeu Polikay, com um certo desprendimento. — Quando partes?

— Manteram-me sair amanhã. A barba disse-me: "Escolhe o cavalo que quizeres. Passa primeiro pelo escritório e vai em paz."

— Louvado seja Deus! — exclamou Akoulina erguendo-se e fazendo o sinal da cruz. Deus te auxilie, Polikay! acrescentou em voz baixa para que os vizinhos a não ouvissem e, agarrando o pélo mangá da camisa... — Ouve-me, Polikay, por Nosso Senhor Jesus te peço, quando fores buscar o dinheiro, jura-me, beijando a cruz, que não beberás uma gota sequer.

Polikay sorria novamente, com aquele sorriso característico de um homem fraco, bom e culpado.

— Então — disse a barba — vai, cumpre a tua missão. Sabes que depende dela a tua sorte?

— Como não hei de saber? — respondeu. Se lhe disserem mal de mim, é porque ninguém pode livrar-se da culpa; nunca foi minha intenção ferir os seus interesses. Então, expresso-me, tam-

que me dá a minha barba, pôs-se doce como mel.

— Tu — acrescentou — serás o meu servo predilecto.

Depois de um curto silêncio o mesmo sorriso de orgulho pairou no rosto de Polikay.

— Se o gesto preciso para lhe falar no tempo em que pagava ainda o dinheiro, surgiu às vezes uma alacração entre mim e o receptor. Bastava eu dirigir-me a ela e dizer-lhe duas coisas para o homem abaixar a cabeça.

— E é muito dinheiro? — perguntou de repente Akoulina.

— Quinhentos rublos — respondeu Polikay, com um certo desprendimento. — Quando partes?

— Manteram-me sair amanhã. A barba disse-me: "Escolhe o cavalo que quizeres. Passa primeiro pelo escritório e vai em paz."

— Louvado seja Deus! — exclamou Akoulina erguendo-se e fazendo o sinal da cruz. Deus te auxilie, Polikay! acrescentou em voz baixa para que os vizinhos a não ouvissem e, agarrando o pélo mangá da camisa... — Ouve-me, Polikay, por Nosso Senhor Jesus te peço, quando fores buscar o dinheiro, jura-me, beijando a cruz, que não beberás uma gota sequer.

Polikay sorria novamente, com aquele sorriso característico de um homem fraco, bom e culpado.

— Então — disse a barba — vai, cumpre a tua missão. Sabes que depende dela a tua sorte?

— Como não hei de saber? — respondeu. Se lhe disserem mal de mim, é porque ninguém pode livrar-se da culpa; nunca foi minha intenção ferir os seus interesses. Então, expresso-me, tam-

que me dá a minha barba, pôs-se doce como mel.

— Tu — acrescentou — serás o meu servo predilecto.

Depois de um curto silêncio o mesmo sorriso de orgulho pairou no rosto de Polikay.

— Se o gesto preciso para lhe falar no tempo em que pagava ainda o dinheiro, surgiu às vezes uma alacração entre mim e o receptor. Bastava eu dirigir-me a ela e dizer-lhe duas coisas para o homem abaixar a cabeça.

— E é muito dinheiro? — perguntou de repente Akoulina.

— Quinhentos rublos — respondeu Polikay, com um certo desprendimento. — Quando partes?

— Manteram-me sair amanhã. A barba disse-me: "Escolhe o cavalo que quizeres. Passa primeiro pelo escritório e vai em paz."

— Louvado seja Deus! — exclamou Akoulina erguendo-se e fazendo o sinal da cruz. Deus te auxilie, Polikay! acrescentou em voz baixa para que os vizinhos a não ouvissem e, agarrando o pélo mangá da camisa... — Ouve-me, Polikay, por Nosso Senhor Jesus te peço, quando fores buscar o dinheiro, jura-me, beijando a cruz, que não beberás uma gota sequer.

Polikay sorria novamente, com aquele sorriso característico de um homem fraco, bom e culpado.

— Então — disse a barba — vai, cumpre a tua missão. Sabes que depende dela a tua sorte?

— Como não hei de saber? — respondeu



